

Se o *pacto denegativo* é o antecedente imprescindível da constituição dos vínculos - que são as *fôrm*as dos sujeitos - como ele aparece na transferência vincular, balizando a forma, o conteúdo, os tempos e os lugares do *enquadre*?¹

If the denegativo pact is the essential antecedent of the constitution of the bonds - that are forms of the people - as it appears in the vincular transference, marking out the form, the content, the times and the places of the setting?

Autores²

Cecília Amaro

Helena Grinblat
Juliano Fontanari
Jussara Dariano
Raquel Poletto
Suzana Oliveira
Viviane Thomazi

A aspiração do homem não deveria limitar-se a não ser culpado, mas a ser Deus (Plotino)¹.

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitava as nações (Isaias c14, v12).

E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei meu trono, e no monte da congregação me assentarei, da banda dos lados do norte (Isaias c14, v13).

Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo (Isaias c14, v14).

E, contudo levado será ao inferno, ao mais profundo do abismo (Isaias

1 Então, qual o dispositivo analítico que melhor captaria o recusado e o rejeitado e, além disto, permitiria sua tradução? Onde é que aparece e pode ser simbolizada a transferência do recusado e do rejeitado?

2 Membros da Sociedade de Psicanálise das Organizações Vinculares – Rio Grande do Sul - Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Apresentado e discutido na Jornada Interna do ICPT 2003 e na reunião científica de novembro 2003 do ICPT.

c14, v15).

Pois Deus condenou todos os homens à desobediência, para que pudesse mostrar Sua misericórdia para com todos (Epístola de São Paulo aos Romanos, c11, v32).

Devemos pecar, pecar para que Deus possa nos perdoar (Autor desconhecido)

Peque intensamente (Lutero)

Saíram dentre (de) nós, mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas todos eles saíram para que se manifestasse que não são dos nossos (I João, 2,19).

Eles são do mundo, por isto falam como quem é do mundo, e o mundo os ouve (I João, 4, 5).

Nós somos de Deus; quem conhece a Deus nos ouve; quem não é de Deus não nos ouve. Assim é que conhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro (I João, 4, 6).

Resumo: Os autores, a propósito da clínica, sustentam que a transferência plena, significativa para o que chamamos cura, do negativo, operado pela recusa e pela rejeição, só pode ser captada e traduzida (representada simbolicamente) e compreendida num dispositivo com três ou mais pessoas presentes – tratamento vincular e, ainda assim, a transferência do negativo recusado e rejeitado sobre o terapeuta será assinalada – compreendida - por um dos pacientes – tratamento compartilhado – ou por um co-terapeuta. O negativo recusado e rejeitado aparece sempre e ganha representação para ser compreendido na supervisão, inclusive de tratamentos individuais. Desenvolvem sumariamente a argumentação em torno do problema, tentando sustentar como paradigma o parâmetro de que a prática vincular tem esta especificidade de objeto – o negativo enquanto o não representado, isto é, o recusado e o rejeitado, além do não-ligado (negativo radical) - e de objetivo: ocupa-se do sofrimento relativo ao poder. Revisam sucintamente vários conceitos – negativo e pacto denegativo, transferência vincular, recusa, rejeição– fundamentais para a prática psicanalítica vincular.

Summary: The authors, by the way of the clinic, support that the full, significant transference for what we call cure, of the negative, operated for the refusal and the rejection, only can be caught and be translated (represented symbolically) and be understood in a device with three or more people gifts – vincular treatment and, still thus, the transference of the negative refused and rejected on the therapist will be designated - understood - for one of the patients - shared treatment - or for a co-therapist. The refused and rejected negative always appears and gains representation to be understood in the supervision, also of individual treatments. They briefly develop the argument around the problem, trying to support as paradigm the parameter of that the practical one to vinculum has this specificity of object - the negative while not represented, that is, the refused one and the rejected one, beyond the not-on one (negative radical) - and of objective: one occupies of the relative suffering to the power. They revise some concepts in a few words - negative and denegativo pact, vincular transference, refused and rejection - basics for practical vincular psychoanalysis.

Descritores: Contra-transferência, Supervisão, Enquadre, Luto e Subjetivações.

Keywords: Countertransference, Supervision, Set, Fight, and

Subjectivities.

Oceano ilimitado e sem luz,
Sem limites, sem dimensão,
Onde Extensão, Largura, Tamanho,
Tempo e Lugar foram perdidos (Milton)

O meu talento! De que me tem servido? Não trouxe nunca às minhas mãos vazias a mais pequena esmola do destino. Até hoje não há ninguém que de mim se tenha aproximado que não me tenha feito mal. Talvez culpa minha, talvez... O meu mundo não é como o dos outros; quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que nem eu mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não sente bem onde está, que tem saudades... Sei lá de quê!
(Florbela Espanca num auto-retrato)

*Começarei por dizer, sobre os dias e anos de minha infância, que meu único personagem inesquecível foi a chuva... Chovia meses inteiros, anos inteiros... Através da chuva, vejo pela janela que uma carroça se atolou... Um camponês, com manta de lã negra, fustiga os bois que não podem mais avançar entre a chuva e o barro... **Sem que me lembre, sem saber que a olhei com meus olhos, morreu minha mãe...** Nasci em 12 de julho de 1904 e, um mês depois, esgotada pela tuberculose, minha mãe já não vivia... **Disseram-me que escrevia versos, mas nunca os vi. Dela, só vi aquele belo retrato.** (Neruda, Memórias).*

Os primeiros amores, os puríssimos... E um dos rapazes, perdido de amor por ela, pediu-me que escrevesse por ele suas cartas amorosas... Pois certa vez ao encontrar-me com (ela)... Me perguntou se era eu o autor das cartas que seu namorado lhe levava. ...Muito perturbado respondi que sim. Então ela me deu um doce de marmelo que... Guardei como um tesouro. Afastando assim meu companheiro do coração da menina, continuei escrevendo intermináveis cartas de amor e recebendo doces de marmelo. (Neruda, Memórias).

A citação da Primeira Epístola de João propõe-se a introduzir o problema do negativo. *Saíram dentre (de) nós, mas não eram dos nossos; porque, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; mas todos eles saíram para que se manifestasse que não são dos nossos (I João, 2,19)*. Como é clara a nossa constituição pelo negativo nesta epístola, que tão bem retrata as cisões do humano. Mas como captar isto antes que *saíam de nós*? Antes da cisão? O que é o negativo? É algo que sai de nós, mas dizemos - e com convicção, com delírio - que não é nós! As citações anteriores envolvem o problema do conhecimento - querer ser Deus - o motivo da punição de Lúcifer - o Deus e o Diabo - e de que o negativo está a serviço da positividade e o reverso é verdadeiro. Milton é o poeta do nada e Florbela Espanca se suicidou muito jovem, prisioneira de uma negatividade impossível de trabalhar. Neruda é o exemplo maior de como se constrói uma vida tentando preencher o vazio de um rosto perdido no tempo, num tempo imaginado, talvez não vivido: A face da mãe morta.

Começamos então por explicações ao título fundamentais à argumentação:

1. O negativo é estruturante do sujeito
2. O que é estruturante do sujeito sempre aparece na transferência
3. A transmissão transgeracional se dá pelo negativo
4. Mas como aparece num vínculo dual o fato de que a *ausência* é mais importante do que a *presença*?
5. O *conteúdo* de uma ausência pode ser captado na transferência diádica?
6. A *forma* de uma ausência pode ser captada numa transferência diádica?
7. A expressão *transferência diádica* não é redundante?
8. A expressão *estruturante do sujeito* não é contraditória?
9. Se há uma estrutura que estrutura o sujeito então ele está sujeitado à estrutura?
10. As *estruturas* são diádicas ou triádicas? É sabido que sobre dois pontos só passa uma linha e sobre três, um plano.

O que vamos discutir é uma conseqüência necessária dos seguintes dados:

1. Da especificidade dos tratamentos vinculares, onde a presentificação gera um tipo específico de material, onde está contida a transferência e nela o pacto denegado.

2. Do fato evidente de que o que nos subjetiva e re-subjetiva são os vínculos; ora, não é possível conter em redes simbólicas todos os elementos identificatórios positivos e negativos formadores do sujeito num vínculo diádico, elementos estes próprios da composição triádica ou grupal.
3. Os elementos todos que excedam os próprios da transferência diádica serão expulsos – forcluídos (desestimados³), recusados para os grupos quer do paciente, quer do analista.
4. A idéia de um *pacto denegativo* é muito evidente em Freud, não fosse assim, *a neurose não seria o negativo da perversão...* A neurose resulta de um pacto contra a perversão, que persiste no negativo mas determina a neurose.

Nossa idéia – retirada de muitos autores – é a de que a transferência plena, significativa para o que chamamos cura, do negativo só pode ser captada e traduzida (representada) e compreendida – é diferente *acontecer* e ser *compreendida* – num dispositivo com três ou mais pessoas presentes – tratamento vincular e, ainda assim, a transferência do negativo sobre o terapeuta será assinalada – compreendida – por um dos pacientes – tratamento compartilhado – ou por um co-terapeuta. O negativo aparece sempre e ganha representação para ser compreendido na supervisão, inclusive de tratamentos individuais. Vamos desenvolver sumariamente a argumentação em torno do problema, tentando sustentar como paradigma o parâmetro de que a prática vincular tem esta especificidade de objeto – o negativo enquanto o não representado, isto

³ Segue abaixo como usaremos estes conceitos extremamente complexos, segundo *Laplanche e Pontalis* (1988): *Desestimação, Rejeição* ou *repúdio* – da realidade, da memória da realidade, da representação da realidade – *forclusion* em francês, *repudiation* em inglês, *repudio* em espanhol e *Verwerfung*, operação que precede necessariamente a constituição de um delírio. *Desmentida, Recusa* da realidade, da memória da realidade, da representação da realidade – *dénégation* em francês, *disavowal* em inglês, *renegación* em espanhol e *Verleugnung* em alemão e opera sobre a representação e sobre a senso-percepção essencialmente, borrando a diferença de sexos. *Repressão* (supressão), recalçamento ou recalque, *refoulement* em francês e traduzido como recalçamento no português (de Portugal), *repression* em inglês, *represión* em espanhol e *Verdrängung*) o mecanismo fundamental das neuroses. Mantivemos a expressão **denegado** em **pacto denegado** em atenção à tradição específica da obra de Kâes. Aí, o **denegado** refere-se aos mecanismos que agem sobre a senso-percepção, recusando e rejeitando (forcluindo). O conceito de forclusão, desenvolvido por Lacan, é mais complexo que o de rejeição, repúdio. No conceito de forclusão, esta contido que não aconteceu a castração simbólica; o terceiro não se instituiu como o nome do pai. Isto é, antes da rejeição, a forclusão enfatiza a falta. O nome do pai, como o significante rejeitado, forcluído, bloqueará as matrizes representativas no psiquismo relativo à lei, a ordem simbólica.

é, o recusado e o *rejeitado* além do não-ligado (negativo radical) - e de objetivo: ocupa-se do sofrimento relativo ao poder. Isto é, com outro conjunto de parâmetros perde-se a visualidade desta fonte de sofrimento; de outro modo não conseguimos a ligadura – introduzir na cadeia associativa o rejeitado, onde opera a repetição, a representante neuronal da pulsão de morte. Nossa hipótese é que a individualidade dos tratamentos – padrão dual - simplesmente remete para o instituído todo o negativo, rejeitado e recusado, gerando todas estas complicações familiares e institucionais que vivemos. Esta proposta está explícita em Penot em entrevista a Percurso, agosto de 1999 (www.uol.com.br/percurso/main/Entrevista23.htm):

Nas manifestações de recalcamento surge um tipo de mal estar subjetivo, como a irritação, a sedução, por exemplo, que o analista vai sentir e em seguida perceber e analisar. São vivências um pouco esquisitas na subjetividade do analista que têm a ver com a vida fantasmática do paciente projetada nele. Isso é contratransferência, e o analista, sozinho, pode, se for bem analisado, resolver. Mas, a outra coisa, a indução, completamente primária, o puro mecanismo de repetição, o analista solitário não vai poder perceber. Esse é o problema. Ele vai agir e vai pensar que age objetivamente. Ele terá a impressão de estar percebendo algo da realidade indiscutível. Nesse sentido, o mecanismo que captura o analista é um mecanismo psicótico que dá a impressão de realidade. Cada vez que, numa síntese clínica, chegamos a analisar um fenômeno desse tipo, é só a partir da percepção dos outros membros da equipe que as pessoas envolvidas chegam a poder se dar conta que suas atitudes são estranhas. "O que?", eles dizem, "Ah! Então a minha atitude não é evidente?". Mas se ele estivesse sozinho... Não teria ninguém para lhe chamar a atenção.

Qual o trabalho do negativo que nos interessa? O negativo rejeitado, recusado que compõem o entorno, os contornos, os limites dos vínculos e, positivado, preserva a memória de gerações – mesmo que positivado num delírio. *É aí que as coisas se complicam ainda mais... Mas vou dizê-lo assim mesmo, porque é preciso dizê-lo... Porque toda a relação a dois implica um terceiro ausente (Green, 1990, p68).*

Vamos revisar alguns aspectos da posição atual do paradigma do negativo a partir de suas várias vertentes e, depois, a partir de vinhetas clínicas e dados da literatura, sustentaremos esta hipótese.

I. O quê é o Negativo?

Este conceito, retomado com sentido mais abrangente por Green (1990, 1993) *pretende abarcar as operações que agem sobre a pulsão, a representação e a senso-percepção e constituem o humano*. Justifica-se pela tentativa de explicar as operações de posituação do negado na constituição das subjetivações. Como o negado num sujeito, numa geração, aparece noutra, noutra geração? Como isto se dá? Este é o motivo da importância e exuberância deste conceito na atualidade. Esta idéia é extraída quase na sua totalidade da obra de Freud – o título do texto de Amaral Dias é *O Negativo Um retorno a Freud*. O texto de Green *El trabajo de lo Negativo* apresenta ampla revisão do conceito em Winnicott, Bion e Lacan. Em 1920, no *Mais Além...* Freud introduz seu conceito de pulsão de morte. Agora o conflito se dá entre Eros e Tanatos, a Luz e a Sombra, a pulsão de vida, agrupadas nas pulsões sexuais e de autoconservação, e a de morte. Conforme Green, *a autodestruição cumpre para a pulsão de morte um papel correspondente ao que desempenha a função sexual para Eros*. O que Freud se propõe, como consequência, é elucidar a essência mesma da pulsão, cujo objetivo final é o retorno do orgânico ao estado inanimado pela descarga completa da excitação e a manutenção da energia psíquica em um nível o mais baixo possível. Apresenta-se então o questionamento: Não seria o conceito de *negativo*, de alguma forma um sinônimo, um modismo, um retorno teórico disfarçado da pulsão de morte? Quaisquer que sejam as divergências teóricas, parece que podemos estabelecer alguns pontos comuns mas, seguramente, não é o mesmo. A pulsão de morte, contrariamente à pulsão de vida, não nos é apresentada por seus representantes; ela não tem representação – Klein quis que sua *representação* fosse um sentimento, a inveja. Sua atividade essencial é de *desligamento*, que recai sobre o vínculo com o objeto. Atacar esta função de ligação com o objeto ao invés do objeto mesmo, destruir a função mesma do vínculo com o objeto: é a essência do processo. É este trabalho silencioso de destruição do vínculo aquilo com que nos defrontamos; aí se dá o conflito, muito difícil de expressar, pois é entre *representações* e *ausência de representações*. A expressão *trabalho do negativo* deve ser considerada nesta perspectiva – operação contra e reguladora da pulsão - e é preciso defini-lo como abarcador das operações psíquicas que constituem os mecanismos de defesa primordiais do ego, desde a *repressão originária* até a *rejeição*, passando pela *clivagem* e a *recusa*. São estes mecanismos de defesa primários que se propõem proteger o vínculo do ego com o objeto (função estruturante do negativo), atacado de maneira constante pela atividade de desligamento da pulsão de morte. A ruptura deste vínculo deixaria o sujeito defrontado com angústias de *anulação*, de *vazio* e de *aniquilamento*, próprias do *originário*. O negativo, sombra do eu e do objeto, é um verdadeiro narcisismo em negativo, mas também é sua

contraparte, pois se positiva no próprio narcisismo. Impossível a vida e a transmissão da experiência humana sem o negativo.

"Não há corpo sem sombra, como não há corpo psíquico sem esta história que é a sombra falada dele. Sombra protetora ou ameaçadora, benéfica ou maléfica, que protege com uma luz por demais crua ou que anuncia a tempestade, mas em todos os casos, sombra indispensável, pois sua perda implicaria na da vida sob todas as suas formas" (Aulagnier, 1999).

Afirmar que existe o indizível, o não-comunicável, naquilo que vivemos, experimentamos, vivenciamos, no tempo de nosso encontro, não é um subterfúgio inventado para evitar todo questionamento de nossa ação, de nossa experiência. Certamente não se pode traduzir em palavras, sem deformar a qualidade de certas emoções, a cor de certas falas, a mensagem de certos silêncios. Mas isso não impede que o não-dizível e o não-comunicável sejam parte integrante de nossa experiência e que possamos e devamos relata-los. O encontro entre sujeitos não equivale a uma experiência qualquer de gozo inefável, nem é a repetição de um encontro inaugural entre o eu e o outro; da mesma forma, a emoção que pode suscitar em nós o que nos é dado escutar, pensar, ver, não é, exceto em momentos particulares, equivalente àquela que podemos experimentar com a leitura de uma obra poética (Aulagnier,

Green (1990), sistematiza o trabalho do negativo como decorrente das funções de três barreiras, três limites, que definem quatro territórios, o limite entre o soma e a psique, barreira psicossomática onde, neste limite, ficaria o inconsciente da primeira tópica; o pré-consciente, que separa o consciente do inconsciente e o a barreira perceptual que separa a consciência do meio externo. As funções – trabalho do negativo – que compõem, constituem estes limites são *a repressão, a clivagem, a negativa, a rejeição...* De que se trata? Trata-se em tudo isso, das diversas maneiras de dizer não (p78). Kaës (1989) mostra-nos que o estabelecimento e a manutenção do vínculo fabrica e depende de uma *negatividade relativa* e de *obrigação* a fim de preservar o próprio vínculo e os interesses, idênticos e distintos, de seus sujeitos. E o vínculo só se dá às custas de negar a *negatividade radical*, o não vínculo. O *pacto denegativo* entre os sujeitos⁴ de um vínculo é uma modalidade de aliança inconsciente formada *sobre a negatividade e*

4 Aqui há uma terrível redundância estrutural, pois é o pacto que faz os sujeitos – que ficam outros sujeitos, se resubjetivam depois do pacto, positivam determinados negativos relativos e recuperam memórias além de criarem – e foi os sujeitos anteriores que fizeram o pacto.

pelos efeitos do negativo. Este pacto tem como objetivos delimitar e conter o negativo, preservar certo estado do vínculo ou da atividade de ligação e, finalmente, como consequência, reforçar a positividade do vínculo. São pactos, portanto, concluídos sobre e contra o negativo. Tipicamente o *pacto denegativo* tem dois momentos; nega e depois nega que nega... Prende na masmorra e depois nega que existam masmorras e tal procedimento é condição para os vínculos. Afinal, quem suportaria o convívio com alguém que nos assinala o tempo todo o que queremos desmentir! Ou pactuamos algo a respeito – não há ninguém na masmorra - ou não há vínculo; mas como há contradição em aceitarmos no outro algo que não se tolera – estamos falando de representações inconscientes – adicionalmente, negamos que pactuamos – não existem masmorras.

O negativo deve ser considerado não somente na relação com outro, porém em suas propriedades de difusão, de solicitação para o qual se apresenta como mesmo, de trocar seu ser, de fazê-lo virar ao contrário e deixar que lhe apareça o reverso cuja existência sequer suspeitava. Nos tratamentos esta situação é especialmente crítica: a ocultação da transferência, que deveria ocupar a situação especialmente acondicionada à psicanálise, se projetará sobre uma mancha cega do entendimento do analista, porém em troca dará nascimento a manifestações psíquicas que se refletirão em sua subjetividade, à qual se converterá em um acesso indireto à causa da cegueira e da suspensão do trabalho interpretativo (Green, 1990, 1993).

II. Posição do problema na filosofia

Giges era um simples pastor do antigo reino da Lídia. Certo dia, durante forte tempestade, houve um tremor de terra e abriu-se uma fenda no solo bem perto de onde ele estava. Diante de seus olhos maravilhados apareceu um grande cavalo de bronze, uma estátua oca, aberta em muitos lugares, dentro da qual jazia o cadáver de um gigante, completamente despido, a não ser pelo belo anel de ouro que brilhava em sua mão. Giges pôs o anel no dedo, sem saber a surpresa que lhe estava reservada. Dias depois ocorreu a assembléia regular dos pastores, que deviam apresentar ao rei um relatório mensal sobre o estado dos rebanhos; ali, sentado entre os outros, Giges virou inadvertidamente a pedra para dentro e percebeu que tinha ficado invisível para os demais, que falavam dele como se ele não estivesse presente. Atônito, voltou a virar a pedra para fora, e voltou a ficar visível; prudente, repetiu a

experiência, e o efeito foi o mesmo. Tratou então de convencer a assembléia a enviá-lo ao palácio real para apresentar o relatório; assim que chegou à corte, Giges, usando seus novos poderes, seduziu a rainha, assassinou o rei e usurpou o trono, iniciando sua longa dinastia.

Neste mito platônico temos a tensão entre um superego intrapsíquico próprio das estruturas neuróticas de uso predominante da repressão e um superego projetado, externo, de estruturas narcísicas, de uso predominante da recusa e rejeição. O visível é o positivo e o invisível, o negativo. O anel signa a aliança com o morto, ou o feto, introjetado – o morto voltou; a terra se abriu. Este é o modo atual como se resolveu a tensão entre Sócrates que acreditava que os homens eram maus porque não sabiam serem bons e Aristóteles que acreditava piamente na bondade e na maldade humana. Mas, sobre tudo esta história nos mostra a presença viva do negativo. Nada humano esta fora dos limites do negativo. Pelo menos três conotações estão reunidas no conceito do *negativo*, que transforma o problema num verdadeiro abelheiro filosófico. O negativo enquanto reprimido não será objeto de relevância no nosso estudo no momento. O primeiro, mais grave, *a ausência de representação e ainda de representabilidade*; o segundo que justifica e motiva a investigação psicológica e psicopatológica é a de *um destino pobre ou nocivo do funcionamento psíquico*; e, finalmente, *uma tela de fundo com uma conotação de falta, de carência*. O negativo nestes casos se entende enlaçado com seu contrário, tendo o positivo em uma relação de reciprocidade. Então, o positivo não pode existir e nem ser pensado sem o limite que encontra no negativo, que por sua vez, carece de realidade sem a concepção do positivo. Ora, o único jeito de aparecer uma ausência é ela se positivar em alguém só que como convicção – nunca será vista pelo sujeito mesmo. Mas este não visto, o negativo, é absolutamente estruturante do sujeito. Não tem muito de novo nisto; lembremos o velho refrão; *o inconsciente constrói a realidade* (o negativo se positiviza). Mas o novo é essencial: Trata-se de uma teoria da subjetivação e da transmissão de conhecimento inconsciente.

O negativo esta em todas as composições religiosas, nos fundamentos da civilidade. Então, vejamos. Se fôssemos interpretar a ordem de Deus pra que Abraão sacrificasse Isaac e sua relação com o abandono de Ismael ordenado por Sara, teríamos o negativo – a ordem como um delírio – constituinte de toda civilização judaico-cristã. O delírio – como convicção, irreduzibilidade - é fundante para o caso. Kierkegaard pergunta o que teria acontecido se Abrão se negasse a matar Isaac ou se tivesse sacrificado algo sem a ordem de Deus? Isaac teria descido a montanha sem fé. Isto é, sem delírio. Só que, sem

delírio, não seria humano: *Assim, longe da loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Longe de ser para a liberdade um insulto, ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra (Lacan).* Isaac teria fé se o pai não tivesse tentado matá-lo (sacrificá-lo) como Ihe ordenava Deus? Não, não teria! Esta é a história básica do humano e da culpa – Édipo e Jesus – um era adotado e o outro não teve pai. Só depois disto podemos chegar em Ulisses (Odísseu). Isto é mais comum do que se pensa. Dizemos que os crentes aqueles acham que encontraram o Messias! E achamos que eles estão *rejeitando* mas não nos damos conta de que nós também continuamos *rejeitando* quando esperamos o Messias!

A noção de que um *negativo*, um *nada* que possa *devir* como *ser* devemos a Hegel (Kojève, 1947/2002) O *ser* enquanto tal é o imediatamente indeterminado quer dizer, o *nada*. No *devir* resolvemos essa contradição, ao longo do qual o *não-ser* vem a *ser* - o homem nasce - e o *ser* deixa de *ser* - o homem morre. Nada há entre o céu e a terra que não contenha ao mesmo tempo o *ser* e o *nada*. A tese *ser* e a antítese *nada*, não passam de momentos de um processo em que ambas são absorvidas e superadas na e pela *síntese*. A realidade é, assim contraditória ou dialética em si mesma e não apenas em nosso pensamento. A *essência* é, por hipótese, o que permanece idêntico e invariável no curso das mudanças e metamorfoses, que seriam meras aparências perceptíveis conectadas aos sentidos. Tal distinção cinde o *ser* em duas faces, na realidade inseparáveis. A *coisa nada* é sem suas propriedades, a força sem suas manifestações. O interior não se distingue do exterior porque é *essencial a essência aparecer*. A essência nem é exterior e *transcendente ao real* (platonismo), *nem em si* é incognoscível (kantismo). O conjunto das aparências constitui a manifestação total e adequada da essência. O *negativo* é *estruturante* do sujeito, mas ele é visível, positivo, embora não o seja para o sujeito mesmo, bem como é invisível a superestrutura do sistema vincular onde ele mesmo – sujeito - está imerso. Evidente que só conseguimos saber se desconstruímos – negativamos - nosso conhecimento embora ele só o seja como tal quando afirmativo. É possível conhecer. O ente é concebido como notório, evidente ao intelecto, ele é a lamparina, daí representarmos a alma pela chama. Ele não é vazio: *nothing* (nada) é não coisa e *niente* (nada) em italiano é não ente. A primazia é sempre do ente sobre o nada, da coisa sobre a não coisa. Mas o negativo opera no entorno do *ser*, em silêncio, dá os limites da coisa, não tem representação, portanto.

E a ausência de representação? O quê precisa ser entendido é esta mente sem representação; como imaginar isto ou como supor que isto exista mesmo? Em certo sentido, a representação existe, mas o correto

seria dizer que ela é, simplesmente é. Assim como a linguagem é e constrói o mundo onde se aplica. Numa frase como *O menino joga bola* o ordenamento – a sintaxe – é, simplesmente é, e só supomos que é representada na medida em que o aparelho que é adquiriu, retirou do ambiente lingüístico o modelo – a língua portuguesa. Esta mesma estrutura amarra milhares de paradigmas (*open words*). A frase poderia ser *O invejoso anda de bicicleta* ou enfim... Este lugar que pode ser preenchido com artigo, sujeito, verbo, objeto e nesta ordem que é própria do português – outras línguas têm ordenamentos diferentes – e que foi apreendida pelo aparelho já *era* antes do aparelho apreendê-la – os pensamentos na busca de um pescador, digo pensador como disse Bion – *era*, mas não *era* representada. A *representação* vem depois. Por isto que as crianças não querem que ninguém diga que eles têm de ir ao médico. Porque as palavras que saem na fala os adoecem, deixam-nos gripados! As palavras dizem o que poderá acontecer. A linguagem é um instrumento para algo, para a denúncia de uma decomposição, um cisalhamento, mas é bem posterior à noção de que se é. Aliás, por isto que os autistas não têm linguagem. Eles, como não são, não precisam usá-la e aí, provavelmente não são. Mas momentos disto são evolutivos. As crianças quando brincam de esconder fecham os olhos achando que não serão vistos por ninguém! Mas eles já são antes do olhar! Já são e acham que estão em todos os lugares, em todas as mentes. Repare que eles já são um todo e que se põem a organizar as partes. Isto é, existe uma psicanálise da *representação* – que é ligada ao mundo, a senso-percepção, a *mente do capítulo 7 da interpretação dos sonhos* – e outra psicanálise da mente, que é ligada a mente criativa, em oposição à mente declarativa, procedimental, rememorativa, que também poderíamos chamar de *pré-concepção* (Bion, 1975, 1972).

Bion (1975) fez uma piada sobre isto. Estavam lá e um personagem diz *que está ouvindo os cachorros latindo alto hoje* e o outro nota que *os cachorros não estão latindo* e o primeiro retruca que *isto é que é o interessante!* Estas piadas sempre envolvem a negação da pressuposição. Mas isto é outra história. Aí fizeram outra piadinha para contracenar com a do Bion. Dois personagens vão acampar e no meio da madrugada; um acorda o outro *Olhe, olhe, o que esta vendo?* Bem vejo a via Láctea, a grande nuvem de Magalhães... *Não, não, olhe!* O tempo esta de chuva... *Não, não...* O vento... *Não vê que roubaram nossa barraca!* Se combinarmos as piadas a coisa fica assim: Será mesmo possível vermos o que não vemos e ainda assim morarmos nos limites do corpo? Kaës repisa que primeiro luta-se com a angústia de não ser; isto é o corpo, embate que é o núcleo da obra de Aulagnier; o funcionamento psíquico inicial é o negativo, mas um negativo comum às psiques do filho e da mãe. Neste início, nesta resubjetivação de ambos, não estão individualizadas, não são distintos as mentes e os corpos. O

filho e mãe mesma ocupam um lugar como *projeto* na extensão do narcisismo dos pais e se aloja no desejo de sua mãe; como queria Hegel, humanos que somos, só o somos como desejo de um desejo.

III. Posição do problema na psicanálise 'extramuros'

Os tratamentos cara a cara, com o analista no campo visual do paciente como ocorre no atendimento de grupos, casais, famílias, e no nosso sistema tradicional de atendimento com parâmetro de número reduzido de sessões semanais, não descaracteriza o processo analítico, pois sua característica de verdade está no trabalho que decompõe e fraciona o psíquico recalcado, recusado ou rejeitado, reconduzindo os sintomas – ou seu negativo – às moções pulsionais que os motivam e que até então eram ignoradas. Na relação dual convencional a individuação de alguns sujeitos se faz com dificuldade ou de maneira parcial. Seu caráter dual nem sempre torna realizável a assunção ou consumação da elaboração das várias angústias; quando seguem sendo dominantes as partes simbióticas – recusado e rejeitado – da psique. Nos grupos, as organizações inconscientes fundantes destas ansiedades e negativos passam a ser figuráveis e registráveis – representáveis, ligadas (Sternbach, 1997). Ainda, uma questão que interessa a todo o psicanalista vincular é a de saber qual será o destino do operador negativo – da negatividade – fora da prática clínica, no seu transbordamento institucional, por exemplo.

Vamos tentar delimitar a posição atual desta questão. Todo desejo corresponde a uma falta; não fosse assim, não buscaríamos nada. Naturalmente, este é o *princeps* de Lacan, retirado de Hegel, mas toda a obra de Freud, naturalmente, bem posterior a Hegel e fundada na cura médica, esta impregnada do negativo – a começar pelo inconsciente: *aquilo que não é consciente*. No *Sobre o narcisismo...* Nota-se que o negativo organiza a transmissão psíquica, a partir do que falta e falha – na constituição dos ideais. Como vimos, talvez a noção de pulsão de morte nos coloque diante do que recentemente tomamos como *negatividade radical*. Ela não esta ligada, não esta inscrita, não esta representada. Mas como então uma negatividade radical, potencial apareceria na *transferência*? *Transferência* não é apenas reedição de algo que aconteceu; ela circula pela história - o reeditável não é textual. No vínculo abre-se a dimensão *intersubjetiva* e *transubjetiva da mente* que se propõe a uma *nova realização*. Desta maneira, pode-se dizer que a *transferência* também possibilita os vínculos. Funciona no interior do vínculo, uma vez que o vínculo ocorreu a partir de *movimentos transferenciais*. *Transferência* pode ser renovação, mas sempre sobre uma base de repetição. Isto é, não há acontecimento que, *a posteriori*, não poderia ter sido previsto. Ora, repetindo, o único jeito de aparecer

uma ausência é ela se positivar em alguém. Mas, este é um abelheiro filosófico e dá conta da tensão entre *história*, *estrutura* e *acontecimento* (Milner, 1995/1996).

O *acontecimento* a que se propõe o tratamento, através do uso da *transferência* é transformar uma estrutura num acontecimento – criar um novo sujeito. *Onde era o Isso que advenha*, que aconteça. Lacan estabelece esta ligação entre os intercâmbios pulsionais e o nascimento do sujeito. É lá, no seminário sobre a *Angústia*, que se explica como o enlace pulsional contorna o objeto maternal e retorna para compor o sujeito. Mostra como a representação de coisa ou de palavra só funcionará como *significante* na psique se corresponder a um *significante da falta*, da falta no *grande Outro*. O *pequeno a* e o *grande A* deverão ser castrados para processar a construção de um sujeito, sujeitado ao *real*. Só assim cria-se essa coisa estranha que Lacan chamou de *significante*, que é absolutamente específico do ser humano e que o diferencia do ser animal. Um chimpanzé pode vir a manejar *significantes* sem vocalização. A diferença entre o ser humano e o animal é relativa e passa essencialmente pelo sistema *real*, pela sua capacidade de ser, como diz Lacan, um ser falante, que maneja os *significantes*. Por isto que o *significante* é algo que representa um sujeito para outro *significante*. E o falo é o *significante* da falta e quando fala no terceiro tempo do Édipo, *forclui-se* o nome do pai.

Aulagnier desenvolve a questão da gênese do sujeito na sua relação com o corpo – e desde então é difícil considerar um tratamento como tal, intermediado apenas pela palavra. Através do processo primário – uma vez contornada as vicissitudes do originário – que a psique representa um *não-eu*, porque o processo primário tem como condição e causa, o reconhecimento que faz a psique da existência de um *não-eu*. Num primeiro momento este só terá como existência psíquica à representação fantasmática que dela a psique forja. Esta pressupõe a introjeção dos elementos de informação que vêm do exterior e que se encontram na origem de uma percepção conjunta do *percebido* e do *espaço do mundo* ocupado pelo percebido. A fantasia, que só aparece agora no processo primário, *recusa* o princípio da realidade, mas não nega a existência do *não-eu*. Nega a existência de um espaço que não é desejo e seu sonho não é o de que o mundo se aniquile, mas o de que ele seja idêntico à imagem que dele forja. Todo encontro confronta o sujeito a uma experiência que antecipa suas possibilidades de resposta no momento em que ele o vive; esta antecipação encontra sua forma mais absoluta no momento inaugural no qual a atividade psíquica do *infans* é confrontada às produções psíquicas da psique materna e deve compor uma representação de si mesma a partir dos efeitos desse encontro cuja frequência é uma exigência vital. Todo encontro confronta a atividade psíquica a um excesso de informação que

o sujeito vai ignorar até o momento em que este excesso o obriga a reconhecer que o que não é incluído na representação própria do sistema, volta à psique sob a forma de desmentido, referente a sua representação de sua relação ao mundo. Um exemplo disso nos é dado pela experiência que pode fazer a psique do *infans*: o momento em que alucina a presença do seio, ela forja uma representação da função boca-seio, mas pode subitamente experimentar um estado de privação. Eis ao o negativo, emergente do nada, do vazio, invólucro do terror sem nome.

Mas, porque teria a psique a obrigação de produzir algo negativo? Na verdade só existe psique como tal pelo recorte do negativo. Obedece à necessidade do aparelho de efetuar operações de rejeição e recusa em nome do conjunto, que só o é a partir de vínculos. São negatividades necessárias para que se forme e se mantenham os vínculos e a própria existência do sujeito. Está dirigida à produção da positividade do vínculo e sua manutenção com o sacrifício de certas partes do si mesmo, que será recompensado com a resubjetivação – já que o si-mesmo (*self*), pela tensão com os ideais busca ser um outro si-mesmo. A posição relativa do negativo sempre será por referência a algo impossível cuja positividade dependerá da perspectiva organizadora de um projeto e de uma origem, onde se sustenta o espaço potencial da realidade psíquica. A negatividade radical corresponde ao que não está no espaço psíquico, pensado como impossível; relação de contato do pensamento com o que não é, com o que ele não é e com o que ele não pode pensar, é aquilo que permanece refratário à toda ligação. Algo *não-ligado*, o que é distinto do *desligado*.

Então, para o caso de Neruda, que introduz nosso texto, sua obra seria a elaboração do negativo, do sonho não sonhado de sua mãe; o não sonhado transformou-se em sua *essência*. Na verdade, dizer *essência* é esforço de comunicação – para nós humanos, o *ser* precede a *essência*. Não é assim tão simples, pois o *ser* é o *ser* de um vínculo; não se *é* fora de um vínculo; o *quê*, para dizer com palavras curtas, o *ser* não *é*, ele *acontece*! Nós não somos, nós *aconteçemos*. Ora, Neruda *aconteceu* de vários modos! Onde, em que dispositivo apareceria o sonho não sonhado de sua mãe? Do pai, lembremos que Neruda fala quase nada: a estrada de ferro e os besouros de todo o tipo... Onde estão eles? No abuso a que submeteu sua sobrinha?

Em qualquer vínculo formam-se defesas para tentar processar o excesso do outro e o excesso próprio, ligado à necessidade do outro, tanto para construir a própria subjetividade como para construir e, sobretudo, manter o sentimento de pertença (de *pertencer*) a uma estrutura. Há, portanto, *defesas referidas para suprir o que falta - de onde nasce a complementaridade - e há defesas referidas para lidar com excessos, donde nasce o que sobra e o que faltará para sempre*. Os interjogos vinculares põem em atividade outros componentes da

personalidade que não se manifestam em qualquer outro lugar ou vínculo; nos vínculos, a especificidade criada torna *Dois, Um*, onde cada encontro produz efeitos diferentes. Logo, a rejeição e a recusa são inerentes a qualquer vínculo, e estão a serviço de manter rechaçado o diferente, o separado do *outro*, uma vez que não pode ser transformado; mantendo afastado um estado de perversidade latente em qualquer vínculo. Como a pulsão reprimida, estas defesas, quando eficazes, direcionam estes componentes desmentidos para a criatividade do vínculo. As diferenças anuladas, sentidas como incompatíveis, são amalgamadas nas zonas de encontro com o outro, na ilusão de harmonizar o desarmônico. Assim sendo, o modo constitutivo da relação tem o componente da renegação do *demasiado diferente*, sendo intolerável o retorno do renegado. Justamente por causa deste mecanismo, o diferente tem a tendência de ser expulso, e é comum que um membro da família possa apossar-se deste destino, freqüentemente trágico, sem perder a condição de membro da família.

A positividade do vínculo se *constrói sobre um duplo fundo de negatividade*: o **impossível** por uma parte e a **renúncia** por outra. Os sujeitos precisam processar duas questões: negar a impossibilidade vincular e por em jogo a renúncia pulsional para poder iludir-se com a criação de um espaço compartilhado, necessária com os limites e as amarras do não-compartido, desmentido. O *pacto denegativo* é o antecedente imprescindível para a construção de um vínculo; fundamenta também o lugar e a transferência do casal, família com o analista. Todo vínculo constrói um mito de origem, sobre um fundo de velamento do impossível e de aceitação das diferenças, que funciona como uma recusa mobilizante da construção vincular.

A recusa funciona como um mecanismo constitutivo da subjetividade e dos vínculos, permitindo saber sem saber, a cerca do vazio fundante (Puget, 1992). Tal recusa constitutiva pode surgir muitas vezes como recusa perversa – veja os casos clínicos sumarizados. Assim, na atualidade das patologias, procura-se dar conta da falta do velamento do vincular – o vínculo é algo a serviço da pulsão de morte, algo fundamentalmente negativo, que muitas vezes a *recusa perversa* seria um modo de tentar construir uma ilusão narcisizante. Um modo de observar as precariedades de tais funcionamentos transgressivos aparece no lugar ocupado pelos filhos: geralmente envolvidos em acidentes, adições, sendo desejados apenas como terceiros que sustentam um vínculo narcisista entre os pais ou entre estes e suas famílias de origem. A necessidade de o analista implementar intervenções desde o *imaginário* serve para reinstalar um certo espaço de ilusão narcisizante e estimular o novo, o acontecimento. As intervenções desde o *real*, a questão da origem familiar, sua historicidade e o desvelamento e construção dos mitos familiares

constituem a via régia para a inclusão da família na ordem *simbólica* que a linhagem e a pertença familiar e social representam. Os mitos dão conta da sustentação do *imaginário* familiar, mas ao mesmo tempo, se organizam através do discurso familiar e mostram a passagem, o decurso do transgeracional, pondo em jogo a ordem do *real* familiar. A função da análise vincular é indispensável e de utilidade marcada em especial nas patologias de funcionamento transgressivo, muito mais do que nas patologias neuróticas.

Depois destes aportes todos, destas novidades, muitos autores se perguntam e, dentre eles, Bernard Penot, se a teoria freudiana poderia dar-nos chaves para pensar o tratamento das psicoses, das patologias de comportamento, dos distúrbios severos do pensamento, das alienações graves, da perda completa de subjetivação e se podemos atender famílias e patologias vinculares com o modelo freudiano, naturalmente que, desacompanhado de seus acréscimos.

Retomando, o conceito de rejeição (*disavowal*) para a psicanálise vincular é fundamental. Não é o mesmo que *denial*. Importa esclarecer e repisar que as defesas do eu dizem respeito ao mundo intrapsíquico já constituído, com julgamentos (juízos) de atribuição e de valor operando. Tais defesas do eu encontram-se em Freud, sob o modelo da repressão. Há ainda outros problemas, com outros mecanismos que não têm a ver com uma defesa de negar ou uma defesa contra alguma coisa reconhecida, porque têm a ver com o próprio reconhecimento, o próprio fato de pensar, de simbolizar alguma coisa. Para isso, a *Verleugnung* é o modelo. Já, atente-se, o conceito de **rejeição**, trata de algo que é **difícil chamar de defesa**, por dizer **respeito mais a uma carência do que a uma defesa**. Esse tipo de *recusa* parece constituir a outra pedra angular do sistema binário de defesas que integra o sistema *real* constituído, onde encontramos a rejeição e recusa simbólicas. Um outro problema é que certos sintomas - diferentes de delírios, somatizações ou problemas comportamentais, por exemplo, e que tampouco são sintomas neuróticos de compromisso - implicam carências a pensar, carências a serem postas em palavras.

Junto, ou após a operação da repressão, temos a negação, anulação formação reativa, deslocamento, evitação; várias defesas redefinidas por Anna Freud. Simplificando, diríamos que todas operam sobre sistemas relacionados à representação. Do outro lado há a *rejeição*, a *forclusão*: Ela é uma falta de pensamento, de simbolização, mas uma falta bem particular que concerne mais à falta de metáfora paterna consequência da ausência de um *significante*, da ausência do falo. O resultado é que elas operam sobre a senso-percepção, borrando os limites do sujeito com o *real*. Nas palavras de Penot:

Existem defesas intrapsíquicas, do próprio sujeito, que

podem ser analisadas no setting da psicanálise por um analista só, e existe uma carência que tem a ver com o meio ordinário constitutivo do sujeito. São situações diferentes em suas gêneses. A rejeição jamais é um ato do sujeito - esse é um ponto fundamental. É uma produção coletiva que se realiza no sujeito e este ato impede o sujeito de vir a ser sujeito.

Ora, este é o ponto, se o analista depositário do negativo, esta desubjetivado, ele não atentar para o que se passa, ele não acessará o sistema *significante* que o compõe como sujeito pra compreender o que ocorre. Ele **será**. Estará no *real*.

Como o analista pode-se dar conta, na solidão de seu trabalho dual deste processo? Ele terá de acreditar que a verdade virá do *real*? Poderá fazer isto sem ser delirante? Pensar é ter um espaço mental, ter liberdade psíquica para se ocupar com as *não-coisas*. A negatividade é o que permanece em transe (*en train de faire*) fazendo, constituindo realidades físicas e psíquicas, numa busca de origens onde existiu um lugar e um vínculo que já não são, salvo as marcas que deixaram pela experiência inaugural da expulsão para fora do corpo materno.

III. Posição do problema da 'transferência vincular'

A transferência é um dos conceitos fundamentais em psicanálise, junto com o de inconsciente e sexualidade infantil. Sua utilização como instrumento se modificou e evoluiu ao longo da ampliação da teoria – fala-se agora de transferência psicótica, perversa, adita... Abordar este conceito em psicanálise vincular – transferência vincular - implica numa complexidade que obriga a revisá-lo, reconhecer seu alcance e limitações em cada *enquadre*. Este é um nó górdio: para cada *enquadre*, uma transferência. E cada área da teoria da a este instrumento uma aplicação específica.

"Onde há transferência há possibilidade de análise, para isso ocorrer deve-se oferecer ao paciente um quadro capaz de estimular o desenvolvimento de um campo transferencial, além de oferecer-se como pólo de investimento a fim de poder usar a transferência para descobrir algo desconhecido que por sua vez produza alguma modificação".(Puget, 1992).

A capacidade de transferir – inerente à constituição do sujeito e conseqüentemente do vínculo - implica em mecanismos de *deslocamento* e *projeção*, além de algum modo de *repetição*. Para que haja transferência também é necessário que, quem dela se faça receptor seja diferente daquilo ou daquele buscado. Tal fato se deve a idéia de que não se transfere qualquer coisa, nem sobre qualquer situação, nem sobre qualquer pessoa. Na constituição de um vínculo, desde o início, a

transferência é o motor e a base – não existisse transferência e não teríamos vínculos, embora estes se ampliem e componham elementos novos, acontecimentos que escapem da repetição – condição para a criatividade e sucesso do vínculo. A aptidão para transferir é atribuída a diferentes forças: uma delas constitui aquilo que permanece para sempre inconsciente, fora do vínculo e, no entanto a sustenta; outra provém do *desejo de reencontro* mais que do encontro – ilusão que o outro se ajuste o mais possível ao desejo do eu. O componente *real* do eu e do eu do outro é registrado como um aspecto vincular que não se reduz à fantasia. Essa irreduzibilidade é um motor para a capacidade de transferir não só porque o *real* é não conhecido, mas também porque funciona como um limite ao próprio ego, ambos – o não conhecido e o limite (algo que se opõe) – se organiza na mente como um germe da situação traumática. O componente *real* é um perigo, porém, também é o que garante a existência e permanência do vínculo. Isto por um lado desperta dor, mal estar, frustração e por outro ameniza a angústia frente à perda de limite, angústia frente à fusão e dissolução do próprio eu. É nesta situação paradoxal dinamizante ou alienante, que a capacidade de transferir emerge, mas para ser um instrumento terapêutico necessita de um cenário propício: o *enquadre*.

Segundo Puget (1997), o que se transfere pode ser pensado em termos de: *o que sobrou, o que falta e o que faltou*:

O que sobrou são modelos de funcionamentos de configurações vinculares, que são difíceis de transformar ou dar novas formas. São marcas que levam o sujeito a cada nova configuração vincular desde uma mesma posição (infantil). Fantasia, realidade, história passada e história atual estão confundidas e obedecem as repetições.

O que falta ocupa um lugar, o do vazio e atua como potencial traumático. É impossível de conhecer o que falta e esta impossibilidade é investida facilmente de todas as carências ligada às frustrações como se o vazio atuasse como um pólo atrativo.

O que faltou se refere ao que não foi possível receber novas semantizações, as histórias não contadas, os segredos que produzem buracos na estrutura vincular. São também aquelas emoções, sentimentos e experiências não vivenciadas, mas potencialmente realizadas – *actings*.

O que falta e o que faltou podem responder ao conceito de situação traumática e obedecem ao funcionamento da compulsão à repetição. Num tratamento vincular é condição necessária que o paciente (casal ou família) sinta que precisa de um outro (analista) capaz de dar sentido a algo que falta ou que sobra. Este outro olhar gera uma circularidade que se constrói não pela presença do analista, mas mediante uma ação terapêutica capaz de dar um sentido. Sobre esse outro olhar, agora presente, se transfere parte do não vivido, do negativo de uma

experiência.

"Em síntese temos transferência por repetição de histórias já vividas que deixaram marcas e não deixaram lugar para que o vínculo auto-engendre uma nova história e transferência de um vazio, de um não conhecido, não experimentado ao qual podemos dividir em histórias familiares não simbolizadas, em experiências emocionais não desenvolvidas que ocupam um lugar vazio e experiências impossíveis de conhecer que podem ser significadas como vazio ou no melhor dos casos como o negativo de uma experiência".(Puget, 1992).

Puget propõe então duas modalidades interpretativas que engendram dois tipos de transferência pelo que sobrou ou pelo que falta e pelo que faltou. A interpretação que se refere ao que faltou, relacionada à compulsão à repetição e que possuem a intenção de chegar àquele vazio é do tipo de fazer consciente o desejo de perpetuar a idéia de que não existe solução. Já, as interpretações que se ocupam de repetições dos modelos familiares são as do tipo de fazer consciente o inconsciente.

IV.A. Posição do problema da 'transferência vincular': Sobre o dispositivo 'armadilha para o negativo'. Como apanhá-lo?

Guillaumin (1989) propõe a idéia do papel organizador do *operador negativo* na prática e na teoria analítica, além de algumas hipóteses sobre o alcance das variações introduzidas na dinâmica psicanalítica pelas modificações exigidas pelos tratamentos de grupos e vinculares, com relação ao dispositivo clássico, o divã. Enfoca o *enquadre*, desde seu nascimento mais ou menos intuitivo, que não faz mais do que captar a experiência negativa do paciente. Foi demonstrado que o *enquadre*, além de suscitar, provoca e o atrai. Nos diz, que este dispositivo, em seu conjunto, pode ser descrito como uma espécie de armadilha natural para a negatividade. Ou seja, o terapeuta com sua atenção suspensa, no centro de uma *identificação narcisista de escuta e de aliança silenciosa*, funciona como um chamado para os fantasmas, convocados deste modo a uma progressão tópica dos investimentos vinculares, desde fora, que corresponde a uma regressão tópica, inversa, dos investimentos do analista na essência da atenção flutuante, e que de alguma maneira entra em conexão com ela.

O dispositivo, que descreve e que qualifica de armadilha para o negativo, organiza-se como um caminho estreito, como um esfíncter, ou seja, paredes fechadas, porém elásticas do *enquadre*, tanto interno como externo: troca por trânsito, espaço *transicional* específico. A função da articulação anal na presença da incorporação oral em sua relação com

o trabalho do negativo ocupa, nesta operação, um lugar essencial, tanto do ponto de vista histórico e estrutural, que devemos levar em conta em seu momento, a propósito dos dispositivos que excluem o *enquadre* clássico – divã – e o estranho espaço de relação de que ele é suporte e garantia. Reforça a importância do tratamento pessoal e de supervisões freqüentes como formas de lidar com as manifestações do negativo. Retomando Freud, refere que ele conhecia, por suas boas razões, sobre os grupos e as terapias com parâmetros muito mais do que se pode crer às vezes. Das reuniões de quarta a sua relação com a família do pequeno Hans, passando por suas reflexões teóricas no *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), *O Mal Estar na Cultura* (1930), *O Futuro de Uma Ilusão* (1927) e de *Moisés e o Monoteísmo* (1939), formou-se uma idéia clara do valor projetivo do ambiente perceptivo humano, como retro-alimentação necessária, mas também como tela e limite para os fenômenos identificatórios.

IV.B. Posição do problema da 'transferência vincular': Os efeitos sobre a transferência das representações transgeracionais

As repercussões sobre a transferência dos tipos de objetos transgeracionais remetem a personagens mais ou menos precisos, cujas representações de caráter patológico estão relacionados com lutos não concluídos. Estas representações estão agrupadas em dois conjuntos:

Representações cheias:

- 1- Representações ligadas a um segredo - envolvem um parente próximo de outra geração, que tenha realizado um ato reprovável mantendo em segredo com vergonha. A circulação na família desse fantasma, que em silêncio segue sua obra de desligamento, é um tema de difícil elucidação.
- 2- Representações referentes a um luto – perda de um familiar idealizado onde o luto permanece insolúvel.

Representações vazias:

- 1- Erotização de um destino familiar de fracasso ou invalidez – onde resulta um marcado apetite por realizar experiências condenadas de antemão ao fracasso, uma complacência na desgraça e a vulnerabilidade própria. Tal representação pode operar em alguns membros da família convertendo-os em fracassados perpétuos.
- 2- A representação de um antepassado a quem se vivencia como alguém que não teve interesse pela família, se interessa por si

mesmo ou em outros. Aqui o que permanece não é o investimento no objeto transgeracional e sim o desinvestimento deste nos familiares. Isto conduz a erotização do irrepresentável, do vazio, do impensável.

V. Argumentação a propósito de fragmentos de relatos

A. De como só quem esta de fora vê o negativo; temos de ser o quarto elemento ou nos utilizarmos dele para conhecer.

Um dos autores recebe um paciente para avaliação encaminhado pela preocupação intensa de quem o atendia, pois o analista tivera uma atuação sexual – grave para a estrutura do atendimento, pressionado pela compulsão suicida do paciente, mas banal, superficial. Filho de família recombina, o pai foi dado precocemente. A tendência monogâmica não é dominante no casal, a recusa é o trivial: Uma filha deficiente grave cujo quadro era tido como corriqueiro. E o paciente, reiteradas vezes, insistia em se matar e num dado local. O atendimento do pai fracassou – dada sua impulsividade; a mãe é vazia – branca, um conjunto de alucinações negativas para conter as masmorras e os cadáveres. Através do atendimento de uma irmã do paciente soubemos que fora estuprada no início da adolescência por um amigo do pai e com o pai relativamente próximo no local. Estas contra-atações quando os analistas são adequadamente tratados, são muito informativas. Havia inclusive correspondência de idades entre as partes – analista - paciente: estuprador – menina. E o fato nunca circulara como palavra. O negativo se positivou no real, mas só foi visto pelo quarto observador, e curiosamente, até agora o ex-analista do paciente dá pouco importância ao evento do estupro como determinante de sua atuação. Ainda fica por verificar a conexão destes fatos com o abuso da criança dada em adoção.

O vínculo do casal, família é uma tentativa de restabelecer o ser-juntos das origens, ganhar socorro para as aflições. O grupo e o vínculo são a princípio uma insistência contra toda expulsão, negação da negatividade da censura. O movimento da adesão ao grupo adquire sentido sobre a base desta negatividade da separação originária. O lugar de agrupamento está investido e representado como esse encontro com o que já não é e que já não somos, mas que poderíamos voltar a ser. Esta modalidade de negativo relativa sustenta a representação e os conteúdos representativos da origem; é, portanto, fundadora do espaço

psíquico. O que os indivíduos buscam no grupo? O vínculo do agrupamento, desde a origem dá a ilusão compartilhada e mantida que poderiam ligar o que permanece refratária a toda ligação, que poderia ser o que não pode ser: escapar ao destino de ser mortal. O retorno do desmentido tem consigo este esforço de ajuda, de resolver problemas, visível neste caso. Uma experiência de reassuramento do que não tem podido constituir-se para eles na realidade psíquica. A experiência de formar grupos é uma invenção paradoxal dos elementos que faltam no espaço psíquico. O grupo é investido com a capacidade de albergue psíquico, com a função de ser esta psique e hospedar suas partes enfermas de onde se pode formar o que não se tem constituído. As palavras que não foram ditas, as proibições que não foram promulgadas. O trabalho psíquico de pensar no grupo funciona para o indivíduo como o equivalente a um albergue dos objetos na psique do outro. O grupo ou uma parte deste trabalha como um aparato de transformação, uma espécie de laboratório psíquico que torna possível o reassuramento da investidura a formação e a transformação dos pensamentos. Ali se coloca a prova possibilidades inéditas de representações e afetos (Berenstein, 1981, 1990; Berenstein e Pujet, 1997, Matus, 1997).

B. De como estamos às voltas, indexados no negativo quando não somos aptos a fazer lutos.

Família recombinação: B, marido, 58 anos, seu segundo casamento e 3 filhos do primeiro casamento que vê ocasionalmente e A, 47 anos, primeiro casamento, e dois filhos, X, filho biológico com 11 e Y adotada aos 2 anos e viveu desde o início da vida em instituições de cuidados, atualmente com 9 anos. O motivo do atendimento da família é a irritabilidade, os maus tratos, o mal-entendido e a queixa de demandas não atendidas de parte dos parceiros, além de problemas escolares com os filhos, em especial Y. As crianças desenvolveram problemas de conduta – o menino estava tentando conseguir dinheiro para os pais e a menina roubou bebida alcoólica.

Como operar o tratamento? Qual a possibilidade de uma rejeição chegar a ser simbolizada? A rejeição sempre está presente na – e é uma produção coletiva – na etiologia da psicose. Não se trata, de jeito nenhum, de interpretar uma produção verbal do paciente como se fosse uma produção fantasmática; a única solução é retomar estes fantasmas na terapia familiar ou grupal.

***B** relata descuido de parte da mãe para consigo; relata que foi criado por uma irmã mais velha, pois aos cinco meses de seu nascimento, seu irmão mais velho, aos 17 anos morreu atropelado, longe da pista por um mau motorista. A mãe enlouqueceu e não saía mais do cemitério e mesmo antes de morrer, já idosa, nunca deixou de lembrar o fato. Mais, **B** lembra que um sobrinho, filho de uma irmã mais nova, que se separou logo após o nascimento do menino, substituiu o filho morto e que acabou morrendo por alcoolismo aos 36 anos. Seus relacionamentos parecem buscar mulheres loucas, alteradas, há antecedentes de abuso de álcool, é evidente a irritabilidade e mau humor, vazio e insatisfação crônica com a vida. Não há relato algum relevante de parte do pai. Este mesmo convencido que só esta nesta vida porque tem algo a fazer - sua vida é um **fazer** - pois senão já teria ido embora. Tem queixas intermináveis do primeiro casamento, do ciúme doentio da companheira, depois de mais uma tentativa em que teve de levar a companheira para tratamento psiquiátrico. Mais, o casamento atual, motivo do atendimento, estabeleceu-se após um atropelamento com morte pelo qual **B** foi condenado. Ao término da pena, **Y** foi adotada.*

O trabalho analítico realizado no grupo tem a finalidade de desligamento do que tem sido transferido ao grupo e ao vínculo de agrupamento a partir de todas as modalidades do negativo. Esse trabalho se efetiva com o reconhecimento da subsistência de um resto, de uma irreduzível negatividade que o ser junto nunca conseguirá dar. Desconhecer ou recusar esta persistência do negativo conduz a uma busca repetitiva de experiências corretivas e a instaurar ao sujeito uma relação aditiva com o grupo. Não podemos pensar e ligarmo-nos em conjunto senão sobre um fundo de negatividade radical. No espaço psíquico a negatividade radical é aquilo que tem o estatuto do que não é, representada como não vínculo, não experiência, algo irrepresentável. Não pode ser inteiramente pensada pelo pensamento sob pena de perder sua própria condição de funcionamento. Seria então a relação de contato do pensamento com o que não é, com o que ele não é e com o que ele não pode pensar, aquilo que permanece refratário a toda ligação. O trabalho do grupo reside em reduzir a margem infinita desta negatividade, em limita-la e acolhe-la como condição do contato com o incógnito e com a alteridade. A negação da negatividade radical se reconhece em seus efeitos destruidores do vínculo e do pensamento, é algo *não-ligado*, irreduzível, distinto do desligado.

***A** tem antecedentes compatíveis com transtorno depressivo recorrente – com sistema delirante encoberto por estrutura religiosa - relacionado a privações intensas precoces, uma tentativa de suicídio grave e indicação de hospitalização por tortura de **Y**. A mãe de **A**, o avúnculo, com quadro compatível com paranóia mora nos fundos do pátio.*

Um aspecto relevante do atendimento psicanalítico vincular é a cristalização, posituação constante do desmentido e do desestimado em sistemas de sinais (operativos) que se complexificam progressivamente aproximando-se do *real* (denotativo). Isto é, ele no início é movimento e só muito mais tarde será representação disponível para a função alfa, pensamento.

*Completo um ano de atendimento e lá estava a família adotando mais um 'filho': **Z**, 10 anos, distúrbio de conduta grave, abandonado, ligado ao Conselho Tutelar. Em que circunstância: uma semana após a morte da irmã de **B**, irmão que o criara. Mais, **B**, iniciou um modo irritado, distímico de demandar da família que precipita a psicose depressiva da esposa.*

Aqui emerge uma questão muito relevante. É claro que **Z** deve ser adotado e o titubeio que temos em aceitar este evento, neste casal, decorre do atravessamento do trans-psíquico, de nossa recusa, sobre quem somos no social. O ideal familiar aqui é o cuidado dos desvalidos e a atuação do ódio dos abandonados. Isto é, há um movimento para que a recusa seja substituída pela repressão fundada na culpa, no reconhecimento das diferenças de gerações e que temos de cuidar dos filhos, das crianças, dos desvalidos, dos desamparados. Mas logo, mais algumas semanas e retorna a recusa, mas com outro tom. Agora é **A** quem quer sair de casa, ir para lugar algum e no dia dos pais! E **Z** retornou – temporariamente – para a 'família' original. Note-se que temos a *denúncia da recusa* na adoção e depois a *atuação da mesma recusa*. Seriam ambas atuações simplesmente; de mesma categoria? Ora, isto coloca a questão seguinte: Será mesmo pertinente separar o anaclítico do narcísico?

Se o vínculo se faz numa dupla polaridade de organização e defesa onde cada vínculo se organiza positivamente pelas representações comuns inconscientes ligadas à satisfação dos desejos e sobre um deixar de lado o resto (recusa, repressão, rechaço), quanto mais se mantiver reprimida a representação desse espaço de união comum ao

sujeito singular e as formações transubjetivas mais violentas serão as modalidades da negatividade. É função do *pacto denegativo* mantém o isomorfismo da relação entre esses dois espaços.

*Numa das sessões recebo um comunicado escrito de **A**, pedindo segredo em que, além de vários relatos detalhando a tortura de **Y**; desesperada comenta um sistema de operação enlouquecedora (para obrigá-la ao papel da mãe louca de **B**).*

A deve cumprir o lugar do luto patológico e, de fato, faz um momento desorganizativo psicótico com delírio de miséria. Sem dúvida, o delírio é uma produção coletiva. Num tratamento vincular, a sustentação da estrutura vincular fica determinada pelo projeto terapêutico, pelo que a estrutura identifica como o desejo do analista e pelo apoio de uma zona de encontro transferenciada de outras estruturas vinculares. Enquanto os membros na família participam como espelhos, uma vez que o permitido é refletir para os outros uma imagem, o terapeuta tem outro papel. Age como um outro-espelho, com a função de devolver um reconhecimento da própria identidade, dos bordos, limites invioláveis, e conserva a qualidade de inacessível donde podem alojar-se os ideais, àqueles que configuram o depois, o para quê viver juntos, o viver em um vínculo, o dever. Quando por algum motivo perde sua qualidade de espelho vincular, pelo menos continua a sê-lo para cada um de seus membros individualmente ou para alguns deles. O analista deve ter uma representação mental de uma estrutura segundo a qual possa nomear o global, o contextual além de suas diferentes partes. Deve dar conta da impressão de conjunto, também da significação que imprime às diferentes partes e detectar os diversos métodos comparativos empregados para estabelecer relações entre cada uma das partes da estrutura. Tais métodos comparativos referem-se a captar os acordos inconscientes estáveis e aqueles que geram algum tipo de mal-estar. Naturalmente, deveremos estar muito atentos aos argumentos ideológicos, éticos, e estético que atravessam toda a estrutura onde ele está incluso e sujeitado a estrutura.

As intervenções operam basicamente sobre a transferência do casal desde o *imaginário* e o *real*. Neste caso, dado o funcionamento concreto do casal e o uso dos filhos como elementos cristalizadores de seu imaginário, as interpretações predominantes foram sobre o *real*. Desde o *imaginário*, pode-se enunciar aquelas intervenções que parecem ilusoriamente responder a demanda do paciente. Desde o *real* situa-se a interpretação cujo objetivo é o desarmamento do sintoma, tentando limitar o gozo fantasmático. O *enquadre* por si só é provocador da experiência negativa do vínculo levando a intensificação e focalização

dos fantasmas. Se, é esse negativo que funda o vínculo e ele só se positivará na presença das partes geradoras do vínculo. Então, não é a ausência como no dispositivo clássico que gera o material, mas é a presença que acorda os fantasmas e permite sua projeção em representações imagóicas. A partir do não vínculo, da negatividade radical A e B compõem o vínculo. A partir das operações de desligamento, negação e rechaço, o vínculo se funda tendo como obrigação à exclusão dos mortos e do abandono, ficando como relativo o componente forcluído da loucura e do sadismo onde opera o tratamento. O *pacto denegativo* entre eles formou esta negatividade perversa que se positiviza em X, Y, e Z. Seu objetivo é tratar o negativo, circunscreve-lo para preservar certo estado do vínculo ou da atividade de ligação, reforçar a positividade do vínculo. É um pacto sobre e contra o negativo. No fundamento dos vínculos esta o *pacto denegativo*, especificamente sobre a negação da negatividade radical. Trata-se de um pacto sobre o incógnito; a não experiência, o não vínculo. Pode contribuir para manter o espaço vazio e de indeterminação necessário para a formação do pensamento ou, no caso, a destruir, desubjetivar a criatividade, a liberdade e a vida psíquica.

A natureza do conflito é sem dúvida a oposição pulsão de vida – pulsão de morte. O efeito da pulsão de morte, contrariamente à pulsão de vida, não nos é compreensível por seus representantes: sua atividade essencial é de desligamento. Nosso embate é com o caráter silencioso, invisível deste trabalho de destruição, desligamento do vínculo, análogo nesse sentido à pulsão de morte. A clivagem e a recusa têm por função dissimular uma parte da realidade psíquica do sujeito e protegê-lo. Eles utilizam, então, o *enquadre* como espelho dessa realidade vincular que é ignorada e a causa do sofrimento.

E o analista como se sente, o quê sente neste caso?

No início do tratamento houve um fenômeno interessante. Terminado o atendimento, à noite, o analista foi invadido por terror e teve dificuldade, por medo, de fechar o consultório. Relacionou isto com o fato de Y ter muito medo do escuro. Mas depois apareceu o modo como Y foi torturada.

Atualmente opera como quem adota e a ênfase esta no pagamento. A resistência esta no uso dos filhos como anteparo para evitar a discussão sobre o negativo e a compulsão a repetição e o investimento maciço do casal em cuidados e autoconservação com exclusão da genitalidade.

Para captar os efeitos do trabalho do negativo, é fundamental apreender estas moções contratransferenciais que envolvem a todos.

Considerar a troca que se produz em nós, incluindo os efeitos deletérios que registramos em nosso próprio pensamento; eis aspecto essencial do trabalho do analista que, longe de construir uma trava, um resíduo do que fora preciso desembaraçar-se, deve ser para nós um agente químico, uma enzima. *Se me permitem dizê-lo assim, o analista deve submergir em um banho, em um duplo movimento de après-cou, ao mesmo tempo em que de statu nascendi. E é esse duplo nascimento diacrônico do paciente e do analista que deve emergir a sincronia da análise: um sentido que nunca se havia formado antes da relação, para Viederman; um sentido ausente, para Green (Moury, 1989).*

O vínculo que compõe um grupo se estabelece sobre a cota de negatividade que é inerente a renúncia a uma parte da satisfação pulsional e ao abandono de uma parte dos ideais. Para que se estabeleça a identificação é necessária a supressão parcial das fronteiras do eu e da identidade singular. O que se perde em si mesmo se recupera no vínculo. Na clínica vincular devemos sempre atentar para o destino do que é desestimado pelos membros individualmente do grupo e depois do que é desestimado pelo grupo como tal. Em que condições e com que efeitos podem esta rejeição permanecer dentro do espaço psíquico comum (grupal) ou deve ser expulso para fora dos limites, sendo fundante do grupo? Observe-se que a negatividade relativa sustenta o espaço potencial da realidade psíquica e da realidade dos grupos. É sobre esta negatividade que operamos.

*Qual o plano de vida em comum do casal? Ter um orfanato!
Não param de construir e sua casa tem 20 janelas.*

A utopia é o negativo do grupo, um espaço psíquico conflitual e dividido. O casal planejava e investia – atualmente **B** esta achando adequada a idéia de participara ativamente do Conselho Tutelar - em construir uma casa imensa para albergar crianças abandonadas. Ações como estas nos mostram como é difícil separar as escolhas objetais *anaclíticas* das *narcísicas*. Narcisisticamente ambos cuidam das crianças que um dia foram e se sentiram abandonadas – porque de fato o foram. O objetivo da construção utópica é de absorver as três modalidades do negativo para realizar o desejo de não desejar mais. Rechaça para fora o que não pode ser tolerado, mas o reencontra numa forma invertida dentro, aprisionada. Ali esta o abandono, a mendicância e a delinqüência A potência de ruptura da utopia se apóia na negatividade relativa porque revela o que não pode ser e que poderá ser.

Segue o relato estruturado de uma sessão da família.

Acho que chegaram meia hora antes pois fazem bastante barulho; parece que esta a família toda lá; termino o

atendimento e esta **B**, **A** e o **Z**; passam, parecem satisfeitos ao me verem. Titubeiam um pouco e parecem aguardar que o **Z** entre sozinho.

B – Z aprontou de novo! (Inicia o relato confuso de eventos e de como vai devolver o adotado!. Ele aprontou de novo com a menina colega da **Y**... empurrou a guria e quando ele estava chegando eu ouvi-o dar uma prensa... dizendo pra ela que não falasse nada e que se falasse ia ver só... aí na chegada eu parei ele na porta e disse senta aí (aparentemente pelo modo de relato, na porta de casa) e ele disse que não parava não e se veio, se botou em mim e eu tive de agarrá-lo e não parava de gritar... aí o fulano veio me ajudar... não foi **Y**? e tivemos de tirar a roupa dele (não entendi direito e fiquei com uma impressão desagradável de violência sexual mas achei que não era o caso de interromper). Não tinha injeção pra dar... se tivesse pelo menos e ele gritava aí eu pensei que vou ter de dar um banho de mangueira nele e levamos ele lá pro fundo do pátio... e eu tomei um banho de mangueira junto com ele... aí ele foi se acalmado. **B**- imagina só Dr, estou vindo naquela paz chego em casa e vejo aquilo – eu vi os dois muito mas muito brabos, nunca tinha visto uma coisa destas... um horror.... e adivinha só quem é que estava assistindo sentadinha e comendo pipocas, parecia que estava num circo?! A avó... eu cheguei e comecei a queimar coisas pra ver se eu tirava aquilo de dentro de casa e ela me perguntou por que e eu mandei ela pra casa dela! Imagina ficar comendo pipoca enquanto dos dois berravam como diabos e tomavam banho de água fria de mangueira. (continua o relato de como **Y** foi devolvido...)

... depois nós pensamos melhor e fomos lá buscar ele hoje de manhã... (O ambiente é um ambiente de tristeza)
Assinalo que essa coisa rusguenta que ta no **Y** está também neles, resolveu nele resolve em vocês. **B** – Já tinha acontecido comigo antes isto,,, ele se jogou no chão e começou a gritar e nós ficamos só olhando e depois passou... **J** – É, tu acha que ele é parecido com o **A**? **B** – Claro! **A** volta ao prevalecimento dele e ao fato de que ele quer ser o porteiro da lotação... mostro que a menina que ele agrediu é como se fosse a **Y** e porteiro é que ele quer um lugar pra ele na casa... **A** – duvida; **B** – diz que é mesmo e que é a melhor amiga da Gécica e segue discussão sobre o ciúme... e que ele esta sendo usado pra carregar o diabo!

Final da sessão, analista encostado na parede, **A** fixa data do término do tratamento para o dia tal; a mesma em que o menino será devolvido e assinala: e nem expulso ninguém... Que eu saiba é hora de vocês perceberem o

sufrimento do Y ou o de vocês e se pegarem no colo ao invés de se expulsarem... A agarra B e diz 'minha veia, não adianta nós vamos ter de ficar junto e se gostando!'

VI. Conclusão a guisa de final

“O enlace intersubjetivo pela negação não é apenas uma modalidade dos sistemas comuns de defesa, senão uma atividade fundadora do espaço psíquico, do tempo e do trabalho da representação no interior e dentro dos limites do conjunto transubjetivo” (Kaës, 1989/1991, p137). Estas negatividades são necessárias para que se formem e se mantenham os vínculos e as subjetividades a eles relacionadas. Interessante que isto sustenta:

1. O sujeito só é sujeito para e dentro (no) de um vínculo
2. O precipitado de identificações que potencializa a emergência dos sujeitos não é constituído apenas do que se viu ser feito ou do que o outro disse
3. O sujeito se constitui pelo que o outro não disse e não fez
4. O sujeito se constitui para resolver problemas que o outro sequer conseguiu pensar
5. A essência sujeito aparece na falha da repressão e depende do laço imposto pelo desmentido e pelo *forcluído* que amarra o sujeito ao *real*, isto é, a essência do sujeito, conforme o discurso estrutural, é sempre egosintônica. *Penso onde não sou e sou onde não penso*, disse Lacan e acrescentamos: Logo, não consigo me pensar!
6. A definição dos determinantes do processo identificatório primário com características positivas (de uso predominante da repressão com sublimação) ou recusas, ou *forcluídas* ou radicalmente negativas é tarefa a ser desenvolvida e acarretará a descrição de como a memória institucional é composta, transmitida e molda as subjetividades.
7. Aquilo que nós chamamos de *caráter*, ego-sintônico, é constituído pelo negativo e usa o sistema vincular para o trabalho de resolver, dissolver; numa palavra, elaborar, e este desaparecimento consiste em *tornar visível*.
8. Onde fica visível? Na linguagem, na área das regras consensuais da linguagem, onde ela constitui o social, no consenso semântico. Naquilo que chamamos repressão.
9. *'A arte não reproduz o visível, ela torna visível'* (Paul Klee).

A partir de idéias como as de Piera Aulagnier, da noção de

envolturas psíquicas iniciais, e de Bion, abre-se a possibilidade de o analista de ajudar seus pacientes a se construírem a partir do negativo que os aprisionou. O analista se oferece para perceber a estrutura, a rede do *Isso* que o aprisiona, numa atitude psíquica de vazio mental – sem memória, sem desejo, sem tempo e sem espaço. A elaboração do negativo é feita de forma diferente para os diferentes níveis de aparato psíquico – individual, familiar, grupal. É preciso modos particulares de abordagem. Cada dispositivo, enquadre, utilizado (casal, família, grupo, instituição), mostra uma dimensão do negativo que deve ser abordada. O analista mesmo com as regras de tempo e espaço diferentes, preserva sua condição como tal – embora seja denominado *extramuros* ou tenha o título de psicanalista discutido - e mantêm os mesmos objetos e objetivos da psicanálise. O *enquadre* estabelecido por ele será o lugar onde se disporá à parte *não-eu* do paciente. O *enquadre* cria condições para o surgimento da transferência, onde, em torno do analista os indivíduos farão buscas identificatórias, demandas de saber (sobre as origens). São buscas, mesmo que implícitas, motivadoras e às vezes comuns a todos os participantes. Mobilizarão fantasmas, significantes, representações sexuais. O analista elabora essas demandas à luz de seu próprio funcionamento fantasmático de dois, familiar, grupal ou institucional - tal como o gera o material das sessões. Esse material é o reflexo e o eco da problemática estrutural do *Isso* do analista por referência ao objeto de trabalho do momento.

O analista, deslocando-se, e estabelecendo as regras necessárias, instaura condições próprias para seu trabalho de escuta. Mas, como o *forcluído* e o desmentido estão expulsos e contaminam a senso-percepção, ele necessitará da ajuda de um outro para perceber que o que ele vê como *real*, para perceber que o que ele faz, são positavações de um negativo. Desse modo pode-se colocar em evidência modos de funcionamento da psique que dificilmente se mobilizariam na cura: articulação do individual e o grupal, distribuição da tópica do sujeito no grupo (tomado como objeto), nos outros, no analista, modalidades identificatórias dos intercâmbios, repartições e reagrupamentos de ações.

A sombra é a face oculta da luz, como o Diabo é a face oculta de Deus. Escondida por conceito, é mãe assim como a luz, pois sem ela não haveria contornos, limites e formas. Nós somos feitos neste caldeirão de luz e sombra, positivo e negativo, repressão, recusa e *rejeição*. E seria mesmo necessário distinguir entre o positivo e o negativo? Porquê a distância entre o negativo e o positivo? Provavelmente, segundo a consciência que habita cada um de nós, positivo é tudo ao qual temos acesso de um ou outro modo e negativo é a imagem inversa, guardada, escondida, na sombra dos velhos arquivos, nas masmorras, nos cemitérios clandestinos, nas ideologias, nas convicções tumultares e mesmo em bibliotecas, mas sempre longe

da luz. Este mistério das sombras, este bruxuleio da chama da vela é a vida, é o mito da caverna de Platão e nos fazemos, somos feitos e somos neste anseio, na melancolia deste festim em torno da fogueira, nesta ceia totêmica, em que para a identificação – positivo – comer o morto - deveremos ter identificações com a *rejeição* de ter matado o morto! *Fiat lux!*

Referências bibliográficas

1. AMARAL DIAS, C. – *O negativo ou O Retorno a Freud*. Lisboa, Fim de Século Edições, 1999.
2. AULAGNIER, P. – *A Violência da Interpretação – Do Pictograma ao Enunciado*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
3. AULAGNIER, P. - *Nascimento de um corpo, origem de uma história*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. II -n. 3, 1999:
4. AULAGNIER, P. - *O Aprendiz de Historiador e O Mestre-Feiticeiro*:
5. AULAGNIER, P. – *Um Intérprete em Busca de Sentido*. São Paulo, Editora Escuta, 1986/1990 v1 e v2.
6. BERENSTEIN, I. – *Psicoanálisis da la Estructura Familiar – Del Destino a la Significacion*. Buenos Aires, Paidós, 1981..
7. BERENSTEIN, I. – *Psicoanalizar uma Família*. Buenos Aires, Paidós, 1990.
8. BERENSTEIN, I. e PUGET, J – *Lo Vincular – Clínica y Técnica psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós, 1997.
9. BION, W. R. – *Uma Memória do Futuro – I – O Sonho*. São Paulo, Editora Escuta, 1975/1989.
10. BION, W.R. – *Cogitações*. Rio de Janeiro, Imago, 1992/2000.
11. BLEICHMAR, S. (1993) *La fundación de lo inconciente. Destinos de pulsión, destinos de sujeto*. Amorrortu editores, B.A., 1993.
12. BOTELLA, C e BOTELLA, S. – *Irrepresentável*. Porto Alegre, Editora Criação Humana Ltda, 2002.
13. EIGUER, A. – *El Parentesco Fantasmático*. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992.
14. FREUD, S. (1914) - *Sobre o narcisismo*. VXIV, 1974.
15. GUILLAUMIN, J. - *Una extraña variedad de espacio o el pensamiento de lo negativo en el campo del psicoanálisis* In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
16. GREEN, A – *El trabajo de lo Negativo*, Buenos Aires, Amorrortu, 1993.
17. GREEN, A – *Conferencias Brasileiras de André Green – Metapsicologia dos Limites*, Rio de Janeiro, Imago, 1990.

18. KAËS, R. – *El pacto denegativo em los conjuntos trans-subjetivos*. In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
19. KAËS, R. – *A Instituição e as Instituições. Estudos Psicanalíticos*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1988/1991.
20. KAES, R. - *El grupo y el sujeto del grupo*. Amorrortu Editores, B.A., 1993.
21. KAES, R. - *El Pacto Denegativo en los conjuntos trans-subjetivos*. In: *Lo negativo. Figuras y Modalidades*. Amorrortu Editores, B.A., 1991.
22. KAËS, R. – *Transmissão da Vida Psíquica Entre Gerações*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1993/2001.
23. KOJÈVE, A. – *Introdução á leitura de Hegel*. Rio de Janeiro; Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2002.
24. MILNER, J-C. – *A Obra Clara – Lacan, a Ciência, a Filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995/1996.
25. MOURY, R. – *El apoderamiento visual o la desmentida de lá pérdida*. In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
26. MATUS, S. – *Lo Negativo em el Vínculo de pareja*. In: PUGET, J. (Org) – *Psicoanálisis de pareja – Del Amor y sus Bordes*. Buenos Aires, Paidós, 1997.
27. PENOT, B. *Figuras da recusa – Aquém do negativo*. Porto Alegre; Editora Artes Médicas, 1992.
28. PENOT, B. – *Ação clínica sobre a recusa*. Entrevista a Percurso, agosto de 1999. www.uol.com.br/percurso/
29. PUGET, J. – *La mente del psicoanalista de configuraciones vinculares*. In: *Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1997.
30. PUGET, J. - *Actualización de la problemática de la transferencia en psicoanálisis de pareja*. Revista de Psicología y Psicoterapia de Grupo. Buenos Aires.1992.
31. PUGET, J. y BERENSTEIN, I. - *Lo vincular*. En: *Clínica y Técnica Psicoanalítica*. Paidós, B.A., 1997.
32. ROSOLATO, G. – *Lo negativo y su léxico*. In: Missenard, A (Org) - *Lo Negativo. Figuras y Modalidades*, Buenos Aires, Amorrortu, 1989.
33. STERNBACH, S. – *La Intervención en Patologías de Borde*. In: *Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares*. Revista de la Asociación Argentina de Psicología y Psicoterapia de Grupo, 1997.
34. Winnicott, D. (1951) *Realidad y juego*. Editorial Gedisa, Barcelona, 1979.

Endereço para correspondência:

ceci@via-rs.net
grinblat@terra.com.br
jfontanari@terra.com.br
jdariano@terra.com.br
raquelcpoletto@uol.com.br
vivithomazi@hotmail.com